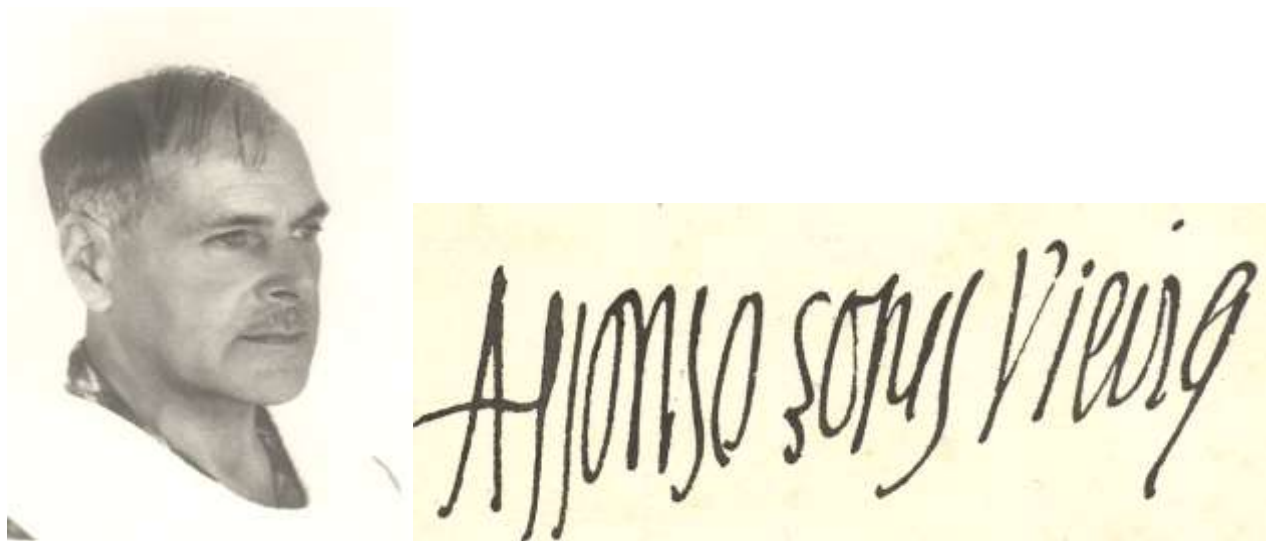


1ª Conf. Int. PORTUGAL & CHINA | PONTES | 5 e 6 junho 2012 |

Cristina Nobre: A EVASÃO ORIENTAL DE LOPES VIEIRA



1. Afonso Lopes Vieira: o eu e o outro

Afonso Lopes Vieira (1878-1946) foi um escritor português associado e figura de proa do movimento literário e cultural da elite portuguesa do início do século XX, que teve como objetivo prioritário re-nacionalizar a cultura portuguesa e os artefactos por ela criados. No entanto, em determinada fase da sua maturação como criador, o apelo pelo Oriente fez-se sentir e é provável que procurasse nessa evasão um encontro consigo mesmo através do outro e do relacionamento de cumplicidades que a relação com o mistério do distante despoleta inevitavelmente. Sintomático, é esta evasão assumir a forma da estética para a infância, pois é conhecido o papel pioneiro do escritor nesta área e sabemos como as questões educativas nunca se afastaram dos seus projetos, entendidos como campanhas cívicas.

As *tentações de estética pura* do escritor Afonso Lopes Vieira preencheram em grande parte as suas reformulações do cânone do passado literário português, fosse o que pretendeu devolver aos portugueses a ancestral voz lírica, fosse o que quis restituir os valores específicos da portugalidade. Estes conceitos foram mais do que simples conceitos ideais; transformaram-se, algumas vezes, em repertórios com programas de acção. É nesse encontro com a acção que a força ética dos modelos canónicos disseminados por Lopes Vieira se continua a poder ler.



2. Obras canónicas: o ocidente reconstruído

Das obras canónicas espera-se que forneçam conhecimento sobre o mundo, que exemplifiquem atitudes possíveis, ou produzam modelos artísticos, e que atualizem a partilha dos valores da cultura do passado no presente, fornecendo os meios para tornar possível a leitura das obras clássicas do passado português (originais ou por recuperação), merecedoras de conhecimento e amor, incluídas no cânone onde se inscreve o horizonte do futuro.

Nesse futuro que é agora o hoje presente da obra produzida por Lopes Vieira ficaram vagas recordações, pontos brilhantes no passado da nossa história da literatura, algumas referências culturais obrigatórias, glórias a-temporais resguardadas no recôndito sótão da memória cultural. O programa da escrita para a infância e juventude fez-se de textos que inauguraram novos caminhos de criação, tanto na poesia como no drama ou na narrativa breve¹.

Trata-se de obras como *Animais nossos Amigos* [ANA] (1911), *Bartolomeu Marinheiro* [BM] (1912), *Canto Infantil* [CI] (1912), *Poesias sobre as Cenas Infantis de Schumann* [PSSIS] (1915), *Conto de Amadís de Portugal para os rapazes* [CAP] (1938) e o escritor não devia pensar acabar por aqui. Logo na sequência do êxito com ANA, Lopes Vieira e Raul Lino chegam a anunciar um outro livro destinado à infância intitulado *Cavaleiros e poetas de Portugal*² não publicado. Pela previsibilidade anunciada pelo título, podemos imaginar que

¹ Veja-se o que, a propósito da poesia, recentemente expus em Nobre (2012) *A Literatura para a infância e juventude em Portugal: a obra poética de Afonso Lopes Vieira*, ed. ESECS/IPL, apoio FCT, CGD, Leiria.

² No espólio da BML, num artigo anónimo intitulado "Chronica Literaria", com uma recensão de ANA, faz-se referência a um novo projecto destinado à infância e à juventude: "[...] promettem-nos [ALV e Raul Lino] para breve um outro volume *Cavalleiros e poetas em Portugal*, onde decerto as suas notáveis qualidades se porão mais uma vez em brilhante relevo. [...]" (AN, [1911II]: R, I: f. 62v.). Também uma crónica de Luis da Camara Reys se refere a essa obra como volume anunciado para breve: "[...] Um formosissimo livro, em resumo, que nos faz esperar com anciedade a nova obra para as creanças, dos 2 grandes artistas: *Cavalleiros e Poetas de Portugal*." (Reys [1911]: R, I: f. 62v.).

continuará numa linha de divulgação dos ilustres heróis da espada e da palavra portuguesas. Sabe-se de um projetado livro *Fernão Mendes no Japão (com ilustrações japonesas)*, anunciado, mas nunca publicado, e de um livro sobre botânica, *Mar Piqueno* ou *Flores do Mar*, de parceria com Matilde Bensaúde, cujo estado avançado de projecto permitiu imaginá-lo publicado por alturas da Páscoa de 1916³. Há notícia de uma *Vida de Nun'Alvares para os pequeninos*, que até hoje não apareceu⁴, cujo projecto deve ter nascido na sequência das cerimónias de trasladação de D. Nuno Álvares Pereira, em que o escritor muito se empenhara e que tinha encarado como um momento simbólico de enaltecimento dos heróis pátrios⁵.

Provavelmente as Fábulas — "O Lobo e o Cão", "A Ran e o Boi", "A Montanha parindo um Rato" — publicadas na revista mensal de *Philosophia, Sciencia e Arte, Dionysos*, em maio de 1912, nas pp. 222-6, podem também ser incluídas nesta vertente da obra de Lopes Vieira, do mesmo modo que as Fábulas de Esopo, de Fedro ou de La Fontaine são hoje quase unanimemente consideradas tipos da literatura para a infância. Entre os vários recortes de jornal do espólio de Lopes Vieira, encontra-se um que contém 6 fábulas — "A Cigarra e a Formiga", "Mons Parturiens", "O Burro Moribundo", "A Ambiciosa Rã", "O Cão e a Sombra", "O Lobo e o Cordeiro" — e ao qual, numa caligrafia que tudo indica ser a de Lopes Vieira, se juntou a data de 1914-16⁶. Pelo

³ Em carta datada de 2 de julho, provavelmente de 1915, Lopes Vieira fala a Leonor Rosa de alguns projectos de escrita, entre os quais se encontra o livro conjunto com Matilde Bensaúde: "[...] Brevemente chega aqui Matilde Bensaude, q. vem trabalhar comigo num livrinho de historia natural p.^a crianças — o *Mar piqueno* (uma poça de agua do mar.) Mas estou tam pouco treinado! [...]" (BML, A125, n.º 33783).

⁴ No esp. da BML encontra-se um recorte do jornal *Monarquia*, datado de agosto, provavelmente do ano de 1919, onde se pode ler esta notícia sobre ALV: "Temos uma boa nova a dar aos nossos leitores. Na sua casa de S. Pedro de Muel, ALV, com o seu coração enternecido de poeta, prepara uma *Vida de Nun'Alvares para os pequeninos*. Português como ninguém, ele é o condestavel da nossa sensibilidade. Defende-a e mantem-a com a pureza admiravel do seu lirismo. Assim a sua obra entre mãos é mais uma bela acção de defeza para a integridade emotiva das gerações de amanhã. Bem haja ALV e que essa Vida de *Nun'Alvares* não tarde, porque o nosso espirito tem sede e tambem se quer refrescar na agua limpida da fonte." (BML, C17, n.º 33816 e AN, [1919b]: R, I: f. 125v.).

⁵ Vd. espólio da BML, R, I: fs. 123r. a 125v., onde se encontram vários recortes de jornal da época que permitem seguir a polémica levantada por Lopes Vieira contra o modo pouco digno que se projectava dar às cerimónias de trasladação, e as alternativas por ele propostas.

⁶ É muito provável que a carta de Aníbal Soares, datada de 8 de março de 1915, faça referência à oferta de uma dessas fábulas como inédito: "[...] Os meus mil agradecimentos, também, pelo grande favor do seu inédito para o *Nacional*. [...] § É linda a fabula como V. a arranjou. Quão poucos teem como V. o sentimento da sorte que a Natureza contém [...]" (BML, *Cartas* [...], II vol.I).

menos a versão aí apresentada de "A Cigarra e a Formiga" é muito semelhante à que aparece em CAP (1938). E em 1935, ao lado de Aquilino Ribeiro, Virgínia Lopes de Mendonça, Olavo de Eça Leal, Acácio de Paiva, Maria Lamas, Lopes Vieira colaborou com o semanário infantil *O Gaiato*, dirigido com dinamismo e inteligência por Alice Ogando.

No n.º 4 deste semanário aparecem duas reescritas da fábula clássica "A Cigarra e a Formiga" — "Fábula mentirosa" e "Fábula verdadeira". Leitor de Fabre, naturalista que pela primeira vez se dedicou ao estudo da vida, hábitos e instintos dos insectos, Lopes Vieira desmonta as ideias feitas sobre a preguiça da cigarra, confrontando-as com as descobertas recentes da ciência e repondo a necessidade e a utilidade dos hábitos e do canto da cigarra, simbolicamente aparentada com a do poeta. A "Fábula mentirosa" utiliza a estratégia dialogal, entre o saber experiente e cauteloso da figura do Avô que interroga o neto, *Joãozinho*, sobre a lição, ajudando-o a perceber as *mentiras* da fábula, numa desassomburada visão da necessidade de aliar o discurso didático ao do conhecimento científico e de destruir os preconceitos educativos tradicionais e as alegorias escondidas:

[...] Joãozinho — Mas porque diz o avô que nesta fábula tudo são mentiras?
Avô — Porque esta fábula foi feita pelos inimigos da Cigarra — êsse poeta — para ensinar a gente a ser Formiga — esse usurário. Mas como quem fêz a fábula não conhecia a vida dos insectos tudo o que lá pôs é mentira. [...]. (Vieira 1935: 8)

A "Fábula verdadeira", com a mesma estrutura dialogal, desta vez entre a *cigarra* e a *formiga*, é uma reescrita da fábula clássica, repondo a verdade da versão apoiada nas descobertas científicas: a formiga é que se serve da cigarra, bebendo na fonte aberta por esta e revelando-se uma ingrata ao abandonar a cigarra ao destino de poeta abandonado até à morte, sem uma palavra de agradecimento. Aqui estará, provavelmente, um outro filão a que o escritor deve ter dedicado algum tempo.

É perfeitamente plausível considerá-lo mais uma vertente do programa que tinha para crianças e para jovens, quanto mais não seja pelo pendor educativo e moralista, simultaneamente estético e ético, característico do percurso desta figura literária. Nesse sentido, não será de menosprezar que a autoria da nova fábula apareça registada através da reprodução da assinatura manuscrita de

Lopes Vieira. A importância dada ao autógrafo da assinatura, ainda enquanto signo de validação a cujo aspecto visual se confere lugar de honra e de destaque, é sintomática de uma autoridade e de uma valorização que faz do nome do autor a primeira garantia de uma idoneidade educativa reconhecida institucional e socialmente⁷.

Resta saber se o que se encontra, ainda hoje, na obra de Lopes Vieira para a infância e para a juventude, corresponde ao sentimento de gratidão saudosista por um tempo de formação definitivamente ultrapassado, sentimento frequente entre os mestre-escola que se serviram destes livros para as várias práticas pedagógicas⁸.

O mesmo sentimento que Teixeira-Gomes tinha descrito na elogiosa crítica que fez a ANA, "A Educação pela Arte", em 1911:

[...] mais tarde, os homens feitos verificarão que a fonte do seu mais puro gozo espiritual se alimentou em grande parte das imagens e nos poemas d'esse prodigioso companheiro de infancia. E não podendo recordar exactamente nem as gravuras nem as canções do velho livro esquecido, elles experimentarão, ao tentar reconstituil-as, um prazer infinitamente subtil, só comparavel áquelle que produzem essas figuras que a imaginação, ainda melhor do que os olhos, descobre, completa e anima, nas velhas tapeçarias puidas — que representarão n'este caso os fastos da sua infancia. (Gomes 1911: R, l: f. 62r.).

Não muito longe desta perspectiva, Italo Calvino considera as repercussões formativas das obras lidas na fase da infância e da juventude e encontra

⁷ B. Fraenkel - *La signature. Genèse d'un signe* - faz um estudo da utilização e das diversas funções da assinatura, signo da validação e da identidade: "[...] La présence d'une signature peut modifier radicalement la nature d'un acte, c'est elle qui lui confère cette authenticité sans laquelle l'écrit resterait lettre morte. Ce pouvoir, la signature le doit à sa fonction principale, celle de servir de signe de validation. [...] Or l'aspect visuel des signes de validation n'est pas le moindre de leurs charmes. L'histoire de la signature est aussi une histoire de l'oeil, une histoire de formes et de symboles qui constituent une sorte d'emblématique du pouvoir de l'écrit. [...] La signature [...] semble alors s'éclairer d'une nouvelle liberté: en elle persiste la valeur du geste, du tracé, la revanche de l'illisibilité, quelque chose comme le dernier carré réservé aux fantaisies du scribeur pris dans le sérieux de l'écrit et la gravité du nom propre.[...]" (Fraenkel 1992: 18, 20, 23).

⁸ É perfeitamente exemplificativa desta perspectiva a carta de Adolfo Lima, datada de 2 de maio de 1943: "[...] Na minha vida de humilde mestre-escola, na preocupação de uma educação estética da Infância, o poeta ALV foi o meu melhor auxílio pelas magnificas poesias que lhe dedicaste e que *sentia* e interpretava com entusiasmo, quer em recitativos de Arte de Dizer, quer em canções. § Sem a menor sombra de lisonja, foste o *Poeta dos pequeninos* que tambem soubeste falar-lhes à sua sensibilidade e mentalidade. Não houve em Portugal outro poeta que melhor conhecesse a criancinha. § Se eu tivesse categoria e consideração social, a homenagem, que te promoveria, seria tôda por crianças, que, em romaria, te levariam flores de agradecimento pela obra que lhes consagraste. [...]" (BML, *Cartas [...]*, vol. XI).

nessas leituras, perdidas na nebulosa da infância, sementes que explicam o todo do adulto, numa evidente afirmação da literatura como vertente principal de uma *estética da identificação*:

De facto as leituras da juventude podem ser pouco profícuas por impaciência, distração, e inexperiência das instruções para o uso e inexperiência da vida. Podem ser (se calhar ao mesmo tempo) formativas no sentido de darem uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, conteúdos, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: tudo coisas que continuam a agir mesmo que do livro lido na juventude se recorde pouquíssimo ou mesmo nada. Ao reler o livro em idade madura, acontece reencontrar-se estas constantes que agora já fazem parte dos nossos mecanismos internos e de que tínhamos esquecido a origem. Há uma força especial da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sementes. (Calvino 1994: 8).

As palavras de apresentação da *Antologia* de Agostinho de Campos, dedicada a Lopes Vieira, constituem um foco privilegiado para podermos perceber como o cânone para a infância e para a juventude, delineado pelo escritor e oficialmente imposto num largo período de tempo, se inscrevia numa postura educativa e pedagógica que visava o pequeno leitor português como um homem total:

Concluiremos observando a tôdas as pessoas que [se] interessam na educação literária, histórico-literária e também cívica, (no mais alto e espiritual sentido) da gente môça portuguesa — que a leitura, solitária ou acompanhada, conforme os casos, das páginas que se seguem, pode, além de proporcionar deleite estético, constituir instrumento precioso de ilustração, de cultura de gôsto, de ensino da boa linguagem, de levantamento do coração e do espírito, de portuguesismo e de idealismo. (Campos 1925: LXII-LXIII).

Como um instrumento essencialmente formativo, ainda mais do que pelo deleite estético proporcionado, o cânone para a infância e juventude produzido por Lopes Vieira é de uma positividade completa, fornecendo valores e modelos de actuação patrióticos, ecológicos, cívicos, numa palavra, humanos. E, acima de tudo, numa *pura linguagem*, a qualidade máxima que, segundo o escritor, salvava até os livros escolares mais retrógrados: "Aquelas cinzentas *Selectas* por onde se lia nas classes de português antes dos livros actuais, tinham a vantagem de, uma vez na vida!, lerem os portugueses uma pouca de

pura linguagem. Sempre no fundo das memórias ficaria a límpida recordação de um ritmo — longínquo rumor das asas da astuta cotovia do apólogo..." (Vieira 1922: 354).

Completo fica o programa com a doação (por sua morte ou morte da esposa) da casa de S. Pedro — lugar predileto da criação literária e referente máximo da vida adulta — aos filhos dos operários vidreiros, bombeiros e trabalhadores das Matas Nacionais para colónia balnear infantil, função que ainda hoje se mantém. Juntamente com o legado da biblioteca à cidade de Leiria, a decisão tinha-se tornado pública em 1939⁹ — a sete emblemáticos anos da morte — e numa entrevista ao *Diário de Lisboa* sobre a *notícia*, em 15 de Abril, o escritor procura, mais uma vez, naturalizar esse ato de despojamento franciscano, ligando-o à falta de uma descendência directa:

[...] É verdade; vou legá-la [a biblioteca herdada do tio-avô Rodrigues Cordeiro] à cidade de Leiria, mas o acto nada tem de heroico, de extraordinario...

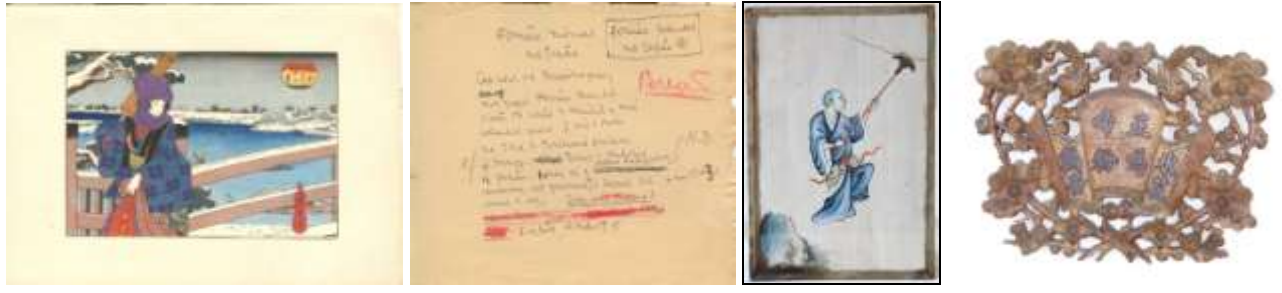
— Um belo dom de poeta!...

— É um acto facil, simples, de quem não tem filhos. [...] § [...] § [...] Quando as pessoas se despojam em vida, á franciscana, ainda se pode ter o prazer da oferenda. O que faço não passa dum franciscanismo de setima classe..., creia! [...]

— Vou para uma casa que já não me pertence. Leguei-a, mas como sanatorio, aos filhos dos operarios e dos pescadores da Marinha. Ha muito sol ali, e todos se hão de curar, esquecendo o pobre padroeiro, na grande voz do mar!

— A voz de Portugal! (*apud* Nobre 2011: 124-125).

⁹ Numa carta de Lopes Vieira a Agostinho de Campos, datada por Luís Amaro de 31 de outubro de 1938, depreende-se que a decisão tinha sido tomada antes disso: "[...] Felizmente a minha mulher melhorou, mas não a tempo de eu poder remediar o desastre porq. aquela casa (q. deixei testada à Câmara Municipal da Marinha Grande para futura colónia balnear infantil) uma vez entrada no estaleiro dá mt.º trabalho para se pôr de novo a navegar. [...]" (*apud* Amaro 1972: 41).



3. Obras canônicas: o oriente idealizado

A sementeira para a infância e juventude de Lopes Vieira continua hoje a produzir frutos remanescentes da pura estética que o assombrou toda a vida. Não fora a casa balnear; o busto de mestre Joaquim Correia, colocado em frente ao mar na praça principal de S. Pedro de Moel, baptizada com o nome do poeta; a estátua de mestre Correia do poeta, na cidade de Leiria; ou a Biblioteca Municipal de Leiria, recheada dos livros e perpetuando o nome do escritor¹⁰ — numa linha imaginária iniciada em tudo o que herdou do passado, multiplicada por tudo o que deixou ao futuro — e o atrito cultural ter-se-ia desvanecido em pó.

Como defende Charles Altieri, a etapa crucial, na permanência dos cânones ideais, é o modo como se lêem os autores: "[...] as agents constructing a version of experience with a claim to influence the ways generations of readers would view themselves and their world. [...]" (Altieri 1984: 61).

Ora, sob a poeira há um outro Lopes Vieira: o que imaginou passar para o outro lado do espelho, com a evasão de uma utopia final. O Oriente corresponde a essa evasão e o facto objetivo de os portugueses por lá terem peregrinado, em tempos antigos, serviu ao escritor de trampolim para a ficcionalização de um mundo outro onde as propostas de humanidade sempre terão valor.

Na Casa-Museu Afonso Lopes Vieira, em S. Pedro de Moel, encontra-se uma gravura oriental (CMALV 175), com traços, a tinta-da-china, pintados com

¹⁰ Já em 1950, interrogando-se sobre o monumento a Afonso Lopes Vieira, então ainda não inaugurado (o busto realizado por Francisco Franco e colocado no Largo da Rosa), Luís Forjaz Trigueiros chegava a idêntica aproximação destas dádivas materiais como rasto de um fazer poético projetado para o futuro: "[...] Contemplando Lisboa, a mirar-se no Tejo, ou olhando o mar, à sombra do Pinhal do Rei, esses padrões, tão pressurosamente executados por sua ilustre e dedicada viúva, constituem, ao mesmo tempo, os dois últimos versos, o fecho de ouro da alta e imortal Poesia que foi toda a existência do eminente português, a par de um dos maiores obreiros das nossas Letras, um exemplo do mais desempoeirado, viril e elegante nacionalismo." (Trigueiros 1950: 12).

guache e pastel, representando, sobre um fundo branco liso, um personagem masculino, careca e de feições orientais, vestido com trajes orientais azuis com uma faixa florida à cintura, com o rosto de perfil. Segura e eleva com os braços um instrumento (cuja função se desconhece) com uma haste comprida e vermelha, e no topo um elemento em semi-círculo, escuro. Parece, pela sua posição e pelo modo como usa o instrumento, que está a segurar ou a tapar algo mais alto que ele. Dada a ausência de qualquer informação sobre esta peça, considero a hipótese de estar relacionada com a intenção documentada de Lopes Vieira vir a publicar, para crianças, o livro *Fernão Mendes no Japão (com ilustrações japonesas)*, o que nunca chegou a acontecer.

No espólio da BML existe uma colecção de 12 gravuras com pinturas orientais, japonesas, que, suspeito, se destinariam a este planeado *Fernão Mendes no Japão*. [BML, A79, n.º 32876]. Há também 1 folha manuscrita com a capa do projectado livro, datada de 1918 e um rascunho autógrafo que deveria servir como uma primeira versão ou a introdução para esta obra (BML, B43, n.º 33396. Vd. Nobre 2005 II: 473). Em carta datada de 2 de setembro de 1916, para Leonor Rosa, o poeta conta:

[...] Eu tenho feito uma vida inteiramente recolhida e agora mt.º absorvida num plano q. me interessa muitissimo — publicar p.ª a gente moça os capitulos da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto relativos ao Japão, numa edição prefaciada e organizada por mim e ilustrada pelo Raul. Para isto tenho lido e relido esse maravilhoso Livro, — unico em todas as literaturas —, e este trabalho de disciplina, de paciencia e de aplicação convem muito ao meu estado de espirito, não me deixando cair em nevrose. De resto, considero este projecto mt.º interessante como obra de arte e de reconstrução nacional. Este Fernão Mendes, q. Shakespeare, tambem êle!, acoimou de mentiroso-mór, é na realidade um incomparavel *espectaculo*. Assim passo longas horas na varanda, com o velho livro do singelo e bravo marinheiro, cuja linguagem considero como sendo talvez a mais *saborosa* prosa portuguesa. [...] (BML, A 118, n.º 33604)

Em 15 de setembro continua interessado no mesmo assunto e a referência a Sintra faz-nos imaginar que já tinha conseguido entusiasmar Raul Lino para o projeto:

[...] Em Sintra e aqui ama-se e estuda-se Fernão Mendes Pinto. Tenho alguns versos (piquenas cousas misteriosas) numa pasta. [...] (BML, A118, n.º 33603)

A este projeto deve também ligar-se uma carta de Abranches Pinto, endereçada de Tóquio, e datada de 10 de abril de 1924, em que este responde positivamente àquilo que deve ter sido uma solicitação do poeta no sentido de arranjar ilustrações para o seu livro:

[...] Com respeito ao projecto de ilustrações para *Mendes Pinto no Japão* terei, creia V. Ex.^a o maximo prazer em ser-lhe prestavel. § Diga-me V. Ex.^a concretamente o que deseja, e quais os capítulos ou assuntos que gostaria [de] ver ilustrados, fazendo referência á ultima edição da Peregrinação em 4 volumes que eu aqui tenho [...] (BML, *Cartas [...]*, vol. VII)

Num apontamento manuscrito inédito, o escritor refere-se a este assunto, naquilo que nos parece ser uma indicação intencional de incluir pelo menos uma parte do texto no seu projetado e anunciado *Jornal dum Poeta*:

Pagina de Fernão Mendes sobre as Espingardas — E os medicos japoneses — Caso talvez unico (Jornal). (*apud* Nobre 2005 II: 364)

Talvez esta pintura fosse um ensaio ou um esboço para as gravuras que acompanhariam o livro, mas também pode ter resultado de alguma viagem feita por Lopes Vieira, em que adquiria muitos dos objetos que ficavam a povoar a sua casa, como marcas de sonhos literários a transformar em novas peças artísticas.

Na varanda encontra-se ainda uma peça estranha em relação ao que a coleção nos habituou, dada a sua proveniência oriental (CMALV 234). Trata-se de uma peça decorativa de madeira, e encontra-se pendurada na parede. De formato mais ou menos rectangular, está toda entalhada com motivos florais – flores e ramagens. Ao centro, sobre uma zona lisa, possui quatro caracteres chineses, ladeados, de cada um dos lados, por outros dois pares de caracteres, dispostos na vertical, e cujo significado aparenta ser algo da ordem semântica de *ninho*. Esta zona central está encimada por dois pequenos pássaros, entalhados, virados para o exterior. A toda a volta da zona onde estão os caracteres existe uma espécie de borda com decorações geométricas. Toda a superfície da madeira apresenta vestígios de policromia, nomeadamente em tons castanhos e dourados, estando os caracteres pintados de azul-escuro (ou roxo). É provável que esta peça esteja relacionada com alguma viagem do

escritor ao Oriente. No entanto, dela não há registos fidedignos na bibliografia disponível, nem conhecimento declarado dos testemunhos orais.

Levantado fica o véu: ao encontrar o Oriente, através de Fernão Mendes Pinto na desejada obra para as crianças, a nação portuguesa encontraria o outro através dessa viagem longínqua ao outro de nós mesmos, registando as pontes que desde o século XVI (1543) se vêm tecendo. Terminei, com a transcrição do que sobrou até nós e se encontra ainda inédito... – o esboço da capa e o plano da obra:

Fernão Mendes
no Japão

Capítulos da Peregrinação,
nos quais Fernão Mendes
Pinto dá conta de muitas e mui
estranhas cousas q. viu e ouviu
na Ilha de Tanixamá e no reino
de Bungo, terras e senhorios
de Japão, onde ele e outros portugueses
revelaram aos Japoneses, em 1543, o segredo das
armas de fogo. *Com um prefácio de Affonso Lopes Vieira e desenhos de Raul
Lino.* Lisboa. Ano 1918.

2) veio à lembrança ofertar este livro aos moços portugueses. Não é *Gulliver*, — a maravilhosa mentira; é a *realidade maravilhosa*, q. lhes ofertámos. E seguros estamos de lhe oferecermos um riquíssimo presente, — quanto mais precioso q. aquele q. el-rei do Bungo enviou por Fernão Mendes ao visor-rei da Índia, — e foi a primeira troca do Levante desconhecido e longincho com os Europeus turbados de conhecerem tal misterio...

De todos os viajantes cujas jornadas e viagens se conhecem, nenhum iguala Fernão Mendes Pinto na penetração do desconhecido. Nem nunca o espirito da aventura pôde levar mais longe a sua influência maravilhosa na alma de um homem.

Em vinte e um anos de vida no Oriente, treze vezes cativo e desasseis vendido, F. M. P. conheceu todas as miserias, todos os perigos e todos os esplendores dos países do "*Cabo do Mundo*" onde sua fortuna tam vária o levou, — às terras misteriosas da China, da Tasvania, do Paguer, do Menbarão, e a outros "mt^{os}. Reinos e Senhorios das Partes Orientais", a alguns dos quais nunca chegara um Europeu. Através de estes confins do Oriente — inda hoje tão estranho e ignorado — o grande viajante português corre todos os perigos, sofre todas as miserias, deslumbra-se com todos os esplendores, acomoda-se a todos os mesteres. É mercador e é soldado, é missionario e é medico, é marinheiro e embaixador. Agora escravo açoutado por crus senhores taes q. já quer com peçonha acabar seu cativo; logo rico e poderoso, recebendo nas cortes honras e gasalhado; depois naufrago lastimoso, nu em cima das rochas,

acendendo q. o salvem as q. navegam longe... Homem maravilhoso, por certo de alegre genio — (pois q. por menos sisudo o escolheu o Nentaquie de Tan. p^a. ir ao reino de Bungo e "desmenalizar" o rei enfermo), e de bom coração (pois q. os cem escravos com "vozes e lagrimas" lhe pediam q. os não deixasse) — Fernão Mendes Pinto é também um dos mais estranhos, dos mais calmos, dos mais portugueses escritores de Portugal. (Nobre 2005 II: 473-474)

Que, tal como Afonso Lopes Vieira o desejou e o pudemos ler - embora salpicado pela poeira do tempo - saibamos harmonizar a ponte entre o ocidente e o oriente, a exemplo de um português real e ficcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTIERI, Charles. (1984) "An Idea and Ideal of a Literary Canon" *apud* HALLBERG, *Canons*, The Univ. of Chicago Press, Chicago e London, pp. 41-64.
- AMARO, Luís. (1972) "Correspondência inédita de Afonso Lopes Vieira" in *Colóquio/Letras*, n.º 5, Janeiro, pp. 37-43.
- CALVINO, Italo. (1994) "Porquê ler os Clássicos" in *Porquê Ler os Clássicos?*, trad. de J. Colaço Barreiros, ed. Teorema, [1.ª ed. 1991], pp. 7-13.
- CAMPOS, Agostinho de. (1925) (org. e pref.) *Afonso Lopes Vieira (Verso e Prosa)*, "Antologia Portuguesa", Lvr. Aillaud & Bertrand, Lisboa.
- GOMES, Manuel Teixeira. (1911) "A Educação pela Arte" in *Lucta*, 1911.[R, l: f. 62r.]
- FRAENKEL, Béatrice. (1992) *La Signature. Genèse d'un signe*, ed. Gallimard, Paris.
- NOBRE, Cristina. (2003) "Afonso Lopes Vieira. A Obra Publicada (Em livro e dispersa)" in Roteiro da exposição bibliográfica sobre Afonso Lopes Vieira — "O ano de todas as comemorações. 1878-2003", pela Casa Museu / Centro Cultural João Soares, Cortes, Outubro, pp. 3-32.
- _____. (2004) *Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira*, Roteiro Cultural, Região de Turismo Leiria-Fátima, Leiria, sd. [2004].
- _____. (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, col. temas portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2005.
- _____. (2007) *Fotobiografia. Afonso Lopes Vieira (1878-1946)*, Imagens & Letras, Leiria.
- _____. (2011) *Afonso Lopes Vieira na correspondência e imprensa da época*, pós-doutoramento em Ciências da Comunicação – História da Imprensa, SFRH / BPD / 27109 / 2006, Outubro de 2008 [policopiado], ed. Imagens & Letras, apoio FCT, IPL, Leiria.
- _____. (2012) *A Literatura para a infância e juventude em Portugal: a obra poética de Afonso Lopes Vieira*, ed. ESECS/IPL, apoio FCT, CGD, Leiria.
- REYS, Luiz da Camara [1911] "Paginas alheias [*Animaes nossos amigos*]", sl., sd.. [R, l: f. 62v.]
- TRIGUEIROS, Luís Forjaz. (1950) "Quando se inaugura o monumento a Afonso Lopes Vieira?" in *Diário Popular*, ano VIII, n.º 2629, 25 de Janeiro, pp. 1 e 12.

VIEIRA, Afonso Lopes

- _____. (1911) [ANA] ANIMAIS NOSSOS AMIGOS. Ilust. de Raul Lino, grav. de P. Marinho, Livr. Ferreira, Lisboa.
- _____. [1911] [HC] *HINO A CAMÕES. Para as crianças portuguesas*. Lisboa, sd.
- _____. (1912) [BM] *BARTOLOMEU MARINHEIRO*. Ilust. de Raul Lino, Lvr. Ferreira, Lisboa.
- _____. (1912) [CI] *CANTO INFANTIL*. Mus. de Tomás Borba, il. de Raul Lino, grav. de Th. Bordalo Pinheiro, Tip. 'A Editora', Primavera, Lisboa.
- _____. (1912) "As nossas creanças". In *A Capital*, n.º 544, 2.º ano, 4 de Fevereiro.
- _____. (1915) [PSSIS] *POESIAS SOBRE AS SCENAS INFANTIS DE SCHUMANN*, Desenhos de Raul Lino, A Editora Limitada, Lx., Primavera.
- _____. (1922). [DG] *EM DEMANDA DO GRAAL*. Soc. ed. Portugal-Brasil, Lisboa.
- _____. (1935) "A Cigarra e a Formiga. Fábula mentirosa. Fábula verdadeira" in *O Gaiato*, n.º 4, semanário infantil, dir Alice Ogando, Lx., [pp. 8-9].
- _____. (1938) [CAP] *O CONTO DE AMADIZ DE PORTUGAL PARA OS RAPAZES PORTUGUESES*, des. de Lino António, Liv. Bertrand, Lisboa, Natal.
- Cartas e Outros Escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira**, XIV volumes, espólio da Biblioteca Municipal de Leiria Dr. Afonso Lopes Vieira [BML *Cartas* [...]].
- Rememrança [R]**, vols. I e II, Álbuns com recortes de diversos jornais entre 1897 e 1946, pertencentes ao espólio da Biblioteca Municipal de Leiria Dr. Afonso Lopes Vieira [BML *R I e R II*].
- Correspondência entre Afonso Lopes Vieira e Augusto Rosa, espólio do ANTT 545, arquivo particular de Augusto Rosa, caixa 1, n.ºs 1-2. Pasta 2 e álbuns *Rememrança I-IV*.
- Correspondência entre Afonso Lopes Vieira, Augusto Rosa e Leonor de Castro Guedes Rosa, espólio de Afonso Lopes Vieira, Biblioteca Municipal de Leiria.